

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LINGUA
PORTUGUESA

NAYANE VIEIRA DA SILVA

O ÍNDIO NO ROMANTISMO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE O
***GUARANI*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *I-JUCA PIRAMA*, DE**
GONÇALVES DIAS

SÃO BERNARDO- MA

2018

NAYANE VIEIRA DA SILVA

**O ÍNDIO NO ROMANTISMO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE O
GUARANI, DE JOSÉ DE ALENCAR, E I-JUCA PIRAMA, DE
GONÇALVES DIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal do
Maranhão - MA como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciatura
em linguagens e Códigos/Língua
Portuguesa.

Orientador (a): Prof^ª. Me. Claudia
Letícia Gonçalves Moraes

SÃO BERNARDO- MA

2018

NAYANE VIEIRA DA SILVA

O ÍNDIO NO ROMANTISMO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE *O GUARANI*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *I-JUCA PIRAMA*, DE GONÇALVES DIAS

Monografia apresentada a Universidade Federal do Maranhão - UFMA como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Monografia aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Claudia Letícia Gonçalves Moraes (Orientadora)

Mestra em Cultura e Sociedade - UFMA

Curso de Linguagens e Códigos - UFMA

Prof^a. Dr^a Maria Francisca da Silva (1º examinador)

Doutora em Letras Neolatinas - UFMA

Curso de Linguagens e Códigos - UFMA

Prof^a. Me. Lana Kaine Leal (2º examinador)

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

Curso de Linguagens e Códigos – UFMA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a uma pessoa que mesmo não estando presente comigo neste momento tão sublime, mas sei que onde quer que esteja está feliz por essa conquista que não é só minha e sim sua e de toda nossa família que sonhou junto comigo este momento. Dedico a você mãe Mazé que sempre torceu por mim desde quando passei pra UFMA de São Bernardo e sei o quanto estaria feliz. Dedico também a minha mãe Nilda Maria Vieira que sempre se esforçou desde o início para que não me faltasse nada e sempre me apoiou, mesmo sendo difícil ficar distante. Essa conquista eu dedico a vocês duas e toda a minha família e amigos que torceram para que esse dia enfim chegasse.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus por ter me ajudado até aqui, por sempre ter me dado forças onde eu achei que não tinha pra continuar. Em especial, a minha mãe Nilda Maria Vieira e a minha vó Beth, que mesmo distantes desde o início sempre me apoiaram nesta jornada.

A toda minha família que sempre torceram por mim em especial a Elizângela Vieira, Elis Regina, Eduarda Torres, Jesus Vieira, Maria do Perpetuo Socorro, Lindomar Vieira, entre outros. E foi por eles consegui chegar até aqui.

A minha amiga Milena Ferreira que sempre me ajudou e esteve sempre comigo nos bons e maus momentos durante esses quatro anos até nessa reta final.

Aos meus amigos que contribuíram de forma direta e indiretamente, sempre me apoiando e dando forças para continuar, principalmente nessa reta final, em especial a Rayane Araújo, Tauana Cruz, Danielle Costa, Itallo Cardoso, Diego Paes, Mariana Marques e Tiago Nascimento.

A minha orientadora Claudia Moraes pela dedicação e paciência dedicada a este trabalho, e por tudo que aprendi durante todos esses anos em suas aulas. Saiba que admiro muito, és modelo de inspiração pela profissional és.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo analisar, comparativamente, a figura do índio na obra de José de Alencar *O Guarani* e de Gonçalves Dias *I-Juca Pirama* observando como cada autor construiu o herói nacional. Compete ressaltar que o que nos instigou a realizar esta pesquisa partiu de um trabalho sobre a primeira geração romântica, que intentava fazer uma análise sobre a figura do índio destes autores, a partir da disciplina Literatura Brasileira I: da formação ao século XIX. Desta forma, para tratar deste assunto será abordada a corrente literária denominada Romantismo que surgiu no século XVIII na Europa, obtendo seu apogeu no início do século XIX. Visando analisar a figura do índio trabalhado com a primeira geração romântica desta corrente, a qual se divide em três gerações (primeira geração romântica – indianista, segunda geração - ultra-romântica e terceira geração – condoreira). Cabe ressaltar que os objetivos específicos desta pesquisa estar em a priori realizar uma contextualização sobre o Romantismo, destacando a primeira geração romântica, em seguida observar de que modo cada autor construiu o índio como a imagem do herói da nação e por fim, notar as relações entre o Indianismo de José De Alencar e Gonçalves Dias. Por este viés, foi possível notar a forma como cada um dos dois construíram a imagem do índio, tornando-o um mito nacional para nação que formava, a qual estava se desligando de influências europeias. Portanto, para a realização desta pesquisa foi feito uma abordagem bibliográfica com base em teóricos que abordam sobre a temática em estudo. Logo, alguns dos teóricos que nos auxiliarão na análise foram Barbosa (1999; 2008), Bosi (1992), Candido (1999), Magalhães (2006), Santos (2009), entre outros.

Palavras Chaves: Indianismo. Identidade Nacional. Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This research had the object of comparative study of the figure of the Indian in the work of José de Alencar O Guarani and Gonçalves Dias I-Juca Pirama observing how each author built the national hero. It is important to emphasize that what prompted us to carry out this research started from a work on the first romantic generation, which attempted to make an analysis about the Indian figure of these authors, from the discipline of Brazilian Literature I: from the formation to the nineteenth century. In this way, to deal with this subject will be approached the literary current denominated Romanticism that arose in century XVIII in Europe, obtaining its apogee in the beginning of century XIX. Aiming at analyzing the figure of the Indian working with the first romantic generation of this chain, which is divided into three generations (first generation romantic - Indian, second generation - ultra-romantic and third generation - condoreira). It should be noted that the specific objectives of this research are to a priori contextualize on Romanticism, highlighting the first romantic generation, then observe how each author built the Indian as the image of the hero of the nation and finally, note the relationships between the Indianism of José De Alencar and Gonçalves Dias. From this bias, it was possible to see how each of them constructed the image of the Indian, making it a national myth for a nation that formed, which was disconnecting itself from European influences. Therefore, for the accomplishment of this research a bibliographical approach was made based on theoreticians that approach on the subject under study. Therefore, some of the theorists that will help us in the analysis were Barbosa (1999; 2008), Bosi (1992), Candido (1999), Magalhães (2006), Santos (2009), among others.

Keywords: Construction of the Indian. Indianism. Brazilian identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ROMANTISMO BRASILEIRO	11
1.2. O Romantismo no Brasil.....	11
1.2.1.Primeira geração romântica: Indianismo	13
1.3. Principais autores indianistas	14
1.3.1. José de Alencar	15
1.3.2. Gonçalves Dias	17
2. ANÁLISE DAS OBRAS <i>O GUARANI</i> DE JOSÉ DE ALENCAR E <i>I-JUCA PIRAMA</i> DE GONÇALVES DIAS	19
2.1. Construção do índio por José de Alencar: o caso de <i>O Guarani</i>	19
2.2. Construção do índio por Gonçalves Dias: o caso de <i>I- Juca Pirama</i>	24
3. INDIANISMO: FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO	31
3.1. Relações entre o Indianismo de José De Alencar e Gonçalves Dias.....	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa foi observar nas duas obras como os autores construíram o herói nacional destacando as relações entre os dois autores, pois o que nos instigou a realizar esta pesquisa partiu de um trabalho realizado na disciplina de Literatura Brasileira I: da formação ao século XIX sobre a primeira geração romântica, que tratava de realizar uma análise sobre a figura do índio destes autores. Logo, ao receber o trabalho corrigido, ao final da última página havia uma consideração da docente em expandir o trabalho e foi a partir deste comentário e de tal trabalho que realizamos esta pesquisa. Por este viés, foi possível notar a forma como cada um dos dois construíram o índio tornando-o um mito nacional para nação que formava a qual estava se desligando de influências europeias.

Visando fazer uma análise sobre a figura do índio representada por tais autores citados, para a realização desta pesquisa foi feito uma abordagem bibliográfica com base em teóricos que abordem sobre a temática em estudo. Logo, alguns dos teóricos que me ajudaram neste trabalho foram Barbosa (1999) e (2008), Bosi (1992), Candido (1999), Magalhães (2006), Veríssimo (1996), Santos (2009), entre outros.

Logo, compete ressaltar que o Romantismo é uma corrente literária que surgiu no século XVIII na Europa, obtendo seu apogeu no início do século XIX. Ao chegar ao Brasil a sociedade brasileira passava por várias transformações com a chegada da corte ao Rio de Janeiro em 1808, sobretudo no âmbito da cultura e da economia. Tal corrente, no contexto brasileiro, fora dividida da seguinte forma: primeira geração romântica (indianista), segunda geração (ultra-romântica) e terceira geração (condoreira).

Podemos ressaltar que o Romantismo no Brasil estava ligado ao processo de independência que aconteceu em 1822, rompendo assim, de forma parcial, com os colonizadores portugueses. Neste processo de independência, os autores buscavam uma literatura inteiramente brasileira. Como afirma Antonio Candido (1999, p. 12) que:

A literatura brasileira, como as de outros países do Novo Mundo, resulta desse processo de imposição, ao longo do qual a expressão literária foi se tornando cada vez mais ajustada a uma realidade social e cultural que aos poucos definia a sua particularidade.

De certo modo, afirma-se que uma das características acentuadas na época era o nacionalismo, em cujo momento criava-se um sentimento de apego à pátria, de criação de valores nacionais e da produção de símbolos definindo assim, sua particularidade.

O nosso Romantismo teve grande influência da colonização, pois a nossa base estava alicerçada nos ideais de liberdade, nacionalismo e subjetivismo. Porém, tais características foram adaptadas à localidade como, por exemplo, a figura do índio e a exaltação da natureza, sendo estas qualidades nacionalistas típicas de nosso país.

Os romancistas em busca de uma utopia deram lugar à imaginação e a fantasia para criar algo que estivesse à altura do que os europeus trouxeram. Assim, os autores começaram a construir a partir do caráter popular que valoriza o nacionalismo e se opunha aos clássicos europeus, abrindo espaço para explorar a cultura brasileira, evidenciando o índio como símbolo nacional, o que logo levou as atividades literárias à produção indianista. Visto isso, foi notado que o Indianismo, sendo um estilo literário, surgiu a partir do nacionalismo que buscava uma identidade própria, a qual encontrara no índio o item que representava o que de mais legítimo o país tinha naquela época.

Logo, observamos que a partir da figura do índio, sendo ele um símbolo nacional, deu-se início a literatura propriamente dita brasileira, com traços originalmente nacionais. Desta forma, este trabalho será pautado na primeira geração romântica que de acordo com Barbosa (2008, p. 98):

A primeira geração do Romantismo brasileiro notabilizou-se pela tentativa de adaptar, de maneira nacionalista, o medievalismo heroico do Romantismo europeu a natureza exótica e exuberante do Brasil. A nação que surgia com a independência buscava seus heróis formadores, os mitos que os distinguissem das origens europeias.

Assim, buscaremos tratar do índio nas obras de José de Alencar no romance “O Guarani” e de Gonçalves Dias no poema “I-Juca Pirama”. Deste modo, esta pesquisa possibilitará analisar a figura do índio engendrada com características nacionais de cada autor, tentando observar como cada um “criou” o seu herói nacional. O índio de José de Alencar nesta obra possuiu um grande contato com o colonizador, pois essa aproximação se dá por conta de sua paixão pela personagem Ceci.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ROMANTISMO BRASILEIRO

Neste capítulo será pautado sobre a origem e contexto histórico do romantismo brasileiro destacando a primeira geração romântica, também conhecida como fase indianista. Além disso, buscaremos destacar os principais autores que contribuíram com tal geração sendo destacado José de Alencar, na prosa e Gonçalves Dias, na poesia.

1.2. O Romantismo no Brasil: origem e contexto

A corrente literária romântica surgiu em meados do século XVIII, na Europa, e se estendeu até meados do século XIX, chegando até o Brasil. O marco inicial do romantismo na Europa deu-se com a publicação do romance “Os sofrimentos do jovem Werther”, em 1774, de Johann Wolfgang Von Goethe. Além disso, ressalva-se que o século XIX foi marcado por grandes acontecimentos que modificaram o curso do velho mundo e, por conseguinte, do novo mundo também. Neste período, o cenário europeu estava sendo marcado por dois grandes acontecimentos históricos os quais foram a Revolução Francesa¹ e a Revolução Industrial².

Chegando ao contexto sócio-histórico do Brasil, a sociedade brasileira passava por várias mudanças no âmbito da cultura e da economia com a chegada da corte em 1822. Os brasileiros neste período pagavam uma grande quantidade de impostos aos portugueses e isso aos poucos acabou culminando em um desejo de emancipação política. Todos estes acontecimentos de alguma forma contribuíram para o início de uma literatura genuinamente brasileira e Sodré (1982, p. 29) afirma isso quando ressalta que:

Só na medida em que as condições econômicas evoluem, refletindo-se na ordem social, pela definição de classes e pelo papel que elas representam, conduzindo à formação de uma estrutura nacional de produção, é que surgem as possibilidades para o aparecimento de uma literatura nacional.

¹A Revolução Francesa tivera uma grande importância para história de nossa civilização, pois a mesma derrubou o sistema absolutista e tirou os privilégios da nobreza levando assim o povo a ter mais autonomia e terem seus direitos sociais respeitados.

² Neste período foram inventadas as máquinas com a finalidade de diminuir o tempo de trabalho manual e por meio desses avanços a produção de mercadorias cresceu, logo obtendo mais lucros. Tais avanços começaram a se espalhar pela Inglaterra ocasionando diversas mudanças fazendo com que esse período ficasse conhecido como a Revolução Industrial.

Na visão de Veríssimo (1996), com a independência política do Brasil e a ascensão do Romantismo é possível distinguir o princípio de uma literatura nacional. Assim, podemos afirmar que o marco inicial de uma literatura genuinamente brasileira deu-se início no século XIX com a corrente literária denominada Romantismo. Sendo o país recém-independente iniciava-se um movimento por uma “autêntica” história do Brasil, em que várias mudanças aconteceram. Antônio Candido (1999, p. 12) ressalta que:

A literatura brasileira, como as de outros países do Novo Mundo, resulta desse processo de imposição, ao longo do qual a expressão literária foi se tornando cada vez mais ajustada a uma realidade social e cultural que aos poucos definia a sua particularidade.

Com a imposição do que traziam os europeus foi se misturando o requintado com os costumes dos primitivos, podendo-se afirmar que a literatura não brotou aqui, mas já veio pronta de fora para ser modificada à medida que se constituía uma sociedade nova. Desta forma, neste período o Brasil passou por um processo de independência que viria a romper com os colonizadores portugueses.

Apesar do rompimento, o nosso Romantismo teve grande influência da colonização, pois a nossa base estava alicerçada nos ideais de liberdade, nacionalismo e subjetivismo, fazendo com que tal período ficasse caracterizado por um sentimento nacionalista. Visto isso, tais características foram se adaptando de acordo com a localidade. A exemplo disto é notada a figura do índio e a exaltação da natureza, que consiste em qualidades nacionalistas típicas de nosso país. De acordo com Marques (2010, p.22):

Essa necessidade de definição justifica-se pelo objetivo emergente de dotar o Brasil de uma imagem que o representasse, de um lado, frente às solicitações advindas de sua nova inserção política, e que de outro, se fixasse, como ícone nacional, na consciência dos próprios brasileiros.

É a partir dessa necessidade, que a literatura romântica obteve um desempenho, que se destacou em desenhar um projeto de país. Assim, pode-se afirmar que, no Brasil, a chegada do Romantismo ficou marcada com o início de uma literatura que viria a forjar uma identidade ao país, buscando revelar aspectos que estivessem ligados à realidade dos brasileiros, denominando assim o que os romancistas chamavam de

“literatura nacional”³. Deste modo, os autores da época em busca de uma utopia deram lugar à imaginação e a fantasia para criar algo que estivesse à altura do que os europeus trouxeram. Ou seja, como aponta Antonio Candido (1999) em seu livro *Iniciação à Literatura Brasileira*:

A sociedade colonial brasileira não foi, portanto (como teria preferido que fosse certa imaginação romântica nacionalista), um prolongamento das culturas locais, mais ou menos destruídas. Foi transposição das leis, dos costumes, do equipamento espiritual das metrópoles. A partir dessa diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais formou-se a sociedade brasileira, que viveu desde cedo a difícil situação de contacto entre formas primitivas e formas avançadas, vida rude e vida requintada. Assim, a literatura não “nasceu” aqui: veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova (p.12).

E para marcar a historiografia literária no período romântico no Brasil, foi lançado o livro de poemas “Suspiros poéticos e saudades” em 1836, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, autor este que foi um dos precursores do Romantismo na primeira geração. Sua obra citada acima focalizava o patriotismo, o individualismo, o nacionalismo e o sentimentalismo, temas estes que remetiam a sentimentos de saudade e nostalgia de seu país de origem.

Neste período romanesco no Brasil é notado o rendimento de grandes frutos na poesia e na prosa. Podemos destacar que a poesia deste momento histórico consentia em se opor as formas e temas clássicos, já que tal corrente literária se opunha ao Classicismo. Com isso, os romancistas tinham maior liberdade na criação, deixando assim a forma de lado para que não atrapalhasse na inspiração dos poetas, fazendo com que em cada verso tivessem traços de simplicidade e melancolia. E assim, a poesia foi dividida entre as três gerações (indianista, mal-do-século e condoreira) enquanto a prosa em romances (indianista, histórico, urbano e regionalista).

Visto isso, os romancistas do período passaram a criar a partir do caráter popular que valorizava o nacionalismo e se contrapôs aos clássicos europeus, visando explorar a cultura brasileira, evidenciando o nativo como símbolo nacional, que em seguida levou as atividades literárias à produção indianista. Deste modo, nota-se que o Indianismo, sendo um estilo literário, brotou a partir do nacionalismo brasileiro, o qual buscava uma identidade própria, cuja encontrara no índio o item que representava o que

³ MARQUES, José Wilton. Gonçalves Dias: o poeta na contramão (literatura e escravidão no romantismo brasileiro). São Carlos: EdUFSCar, 2010, p. 22.

o país tinha de legítimo naquela época. Logo, destacaremos no tópico a seguir a primeira geração romântica, cuja retrata melhor a figura do índio levando em conta os autores que trabalham com a temática.

1.2.1. Primeira Geração Romântica: Indianismo

O período Romântico foi dividido da seguinte maneira: em primeira geração romântica (indianista), segunda geração (ultra-romântica) e terceira geração (condoreira). Visto isso, este tópico tratará sobre a primeira geração romanesca que pode ser chamada de fase indianista. Como afirma Santos (2009, p. 20) “O termo *indianismo* alcançou seu apogeu num complexo movimento que reuniu, ao mesmo tempo, os aspectos históricos e culturais à tentativa de libertação das formas cristalizadas nos movimentos literários anteriores, em especial, as do racionalismo clássico”.

Desta forma, esta geração é caracterizada pela busca de temas nacionais, já que o Brasil acabara de conquistar sua independência e precisava buscar em suas riquezas algo que o diferenciaria dos portugueses. Assim, neste período, encontram no índio o que procuravam para dar início a uma literatura propriamente brasileira.

Na Europa houve o período da Idade Média e, com isso, havia os cavaleiros medievais, já no Brasil foi diferente, pois não tivemos este período, logo os autores encontraram no índio a coragem e a lealdade de um cavaleiro medieval, ele que era carregado de valores singulares.

Deste modo, alguns temas trabalhados pelos escritores do período se baseavam na natureza, no sentimentalismo, na religiosidade, no ufanismo e no nacionalismo. De acordo com Barbosa (2008, p. 98):

Utópicos, os primeiros românticos brasileiros buscam no nativismo da literatura anterior a independência, no elogio da terra e do homem primitivo brasileiro, os pilares sobre os quais se haveria de criar a identidade de uma nova nação. Inspirados em Montaigne e Rousseau, idealizavam os índios brasileiros como bons selvagens, cujos valores heroicos tomam como paradigmas da formação do povo brasileiro (p. 98).

O mito do bom selvagem abordado por filósofos franceses se dá pelo ser humano em seu estado natural, o qual não foi corrompido pela sociedade devendo este

ser entendido como uma idealização teórica. Ou seja, tal mito não reporta a verdade, conduz o poeta a por em prática a metáfora da realidade e de expor certas verdades que escapam à razão. Este bom selvagem é possível ser notado na obra de José de Alencar, *O Guarani*, em que se percebe a relação entre o índio e o colonizador, ou seja, na obra nota-se a submissão do guerreiro ao colonizador.

1.3. Principais autores indianistas

Podemos destacar os principais representantes desta fase sendo eles Gonçalves de Magalhães, considerado o fundador do Romantismo; Araújo Porto Alegre, fundador das revistas Guanabara e Lanterna Mágica; e por fim Gonçalves Dias e José de Alencar, sendo estes os que tiveram maior destaque desta geração.

Para abordar sobre o indianismo na prosa e na poesia, apesar de Magalhães ter sido um dos precursores desta geração, foi destacado dois grandes autores desta época que foram José de Alencar e Gonçalves Dias. De acordo com o crítico Alfredo Bosi (1992, p. 177): “o índio de Alencar entra em íntima comunhão com o colonizador” enquanto Gonçalves Dias, na poesia, deu ao seu índio, segundo Luana Santana (2006, p. 3), “as impressões que guardara dos nativos com o contato que teve na sua infância”, levando em conta seus costumes.

Os dois tiveram grande participação com suas obras indianistas. Alencar escreveu três romances indianistas que corroboram três períodos da história brasileira os quais foram: *Ubirajara* em 1874, que retrata a chegada do colonizador; *Iracema* em 1865 que pauta o primeiro contato do colonizador; e *O Guarani*, que mostra a convivência do índio com o português. Já Gonçalves Dias tivera como exemplo de seus trabalhos indianistas as seguintes obras: *Os Timbiras* em 1857, *I-Juca Pirama* em 1851, *Marabá* em 1851, *Canção do Exílio* em 1846, entre outras. Para explorar melhor esta fase e observar a figura do índio serão analisadas duas obras, sendo uma na prosa e outra na poesia. Tais obras escolhidas irão mostrar as diferenças na maneira como cada autor idealizou seu herói nacional, tendo sido na prosa selecionado o romance “O Guarani”, de José de Alencar, enquanto na poesia foi escolhida a obra *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias.

1.3.1 José de Alencar

José de Alencar nasceu no dia 01 de maio de 1838 em Messejana, Ceará. Era filho de José Martiniano de Alencar, senador do império, e de Ana Josefina. Aos 10 anos ingressou no colégio de Instrução Elementar e aos 14 anos finalizou o curso secundário e ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Alencar foi dramaturgo, jornalista, romancista, advogado e político, além de ser um dos principais representantes da fase indianista, sendo toda sua carreira literária arrolada pelo projeto nacionalista. De acordo com as pesquisas, segundo Barbosa (2008), o romance “A Moreninha” recém-publicado naquela época influenciou Alencar em sua carreira de romancista. Sua primeira obra foi escrita em 1847 o romance “Os Contrabandistas”, que não fora acabado.

Este romancista teve diversas obras publicadas, mas a que o escritor alcançou mais destaque em sua carreira literária foi com a obra *O Guarani* em 1857, publicado em forma de folhetim no Diário do Rio de Janeiro, que logo tivera grande sucesso e em seguida foi editado em livro.

Nas obras de Alencar percebe-se que ele faz grande uso da fantasia, de sua imaginação para chamar a atenção dos leitores. É possível observar isso na obra em destaque desta pesquisa, *O Guarani*, em que o autor coloca o índio em total comunhão com o colonizador, o cria a partir do português. Além disso, podemos observar nesta obra a questão do mito do “bom selvagem” que se constrói como explana Bosi (1992, p. 180): “[...] o mito alencariano reúne, sob a imagem comum do herói, o *colonizador*, tido como generoso feudatário, e o *colonizado*, visto, ao mesmo tempo, como súdito fiel e bom selvagem”.

Pode-se destacar também que Alencar foi ousado ao fazer tal criação do índio, pois o mesmo foi criado a partir dos europeus, o afastando assim de seus costumes. E o autor deixou clara a estranheza que causaria, e quem enfatiza isso é Santos (2009, p. 24, grifo do autor.) ao relatar que:

O autor já antecipara à crítica que seus índios causariam estranheza aos que não tivessem “estudado com alma brasileira o berço de nossa nacionalidade”. Nessa vazante de opiniões, há um fator evidente que não se pode negar. A estranheza provocada pela formatação do índio de Alencar parte de conceitos europeus, com significados afluentes, que consideravam bárbaro “tudo o que se afasta de seus costumes” como apontou Proença (1959, p.48). Assim, os heróis, construídos a partir não só das concepções filosóficas, mas de um

ambiente político que fazia livre curso em direção ao nativo, foram tomados como “contrafeitos”.

No decorrer da obra pode ser notada também a ocorrência da mestiçagem, a mistura de raças como coloca Santos (2009, p. 23) “*O Guarani* revela a esfera feudal que abraçava os senhores da terra e mescla o elemento português e o indígena na busca de uma civilização a se formar”, que assim foi nascendo o povo brasileiro.

1.3.2 Gonçalves Dias

Antônio Gonçalves Dias nasceu em Caxias – MA, em 10 de agosto de 1823, e faleceu em um naufrágio, no baixio dos Atins – MA, em 3 de novembro de 1864. Era filho de João Manuel Gonçalves Dias, comerciante português, natural de Trás-os-Montes, e de Vicência Ferreira, mestiça. Foi poeta, professor, crítico de história, etnólogo.

Após o falecimento de seu pai, Gonçalves Dias ficou aos cuidados de sua madrasta, a qual o ajudou a matricular-se no curso de Direito em Coimbra e a continuar com seus estudos em Portugal. Apesar de suas condições financeiras estarem restritas, o poeta prosseguiu seus estudos com a ajuda de seus amigos e formou-se em 1845.

Embora Gonçalves Dias não tenha sido o primeiro a procurar na temática indígena recursos para o abasileiramento da literatura, ele foi o que mais alto elevou a fase indianista. Pois, “a lírica de Gonçalves Dias singulariza-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor exprimiu o caráter mediador entre os polos da expressão e da construção”⁴. Logo, suas obras retêm uma temática nacionalista, de forma que encontramos inspiração pela natureza, religião, além de conter seu caráter e temperamento explícito no eu-lírico.

De acordo com Iba Mendes (2014), as temáticas indianistas podem ser encontradas nos *Primeiros Cantos*, nos *Segundos Cantos* e *Últimos Cantos*, principalmente nos poemas como *Marabá*⁵, *Canto do Piagá*⁶, *I-Juca-Pirama*, entre

⁴ BOSI, Afredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 119.

⁵ Poema intitulado Marabá que narra a história de uma mestiça que queria ser aceita e amada pela sua tribo.

⁶ O canto do Piagá perpassa por uma visão que o pajé (Piaga) tivera sobre fantasmas que viriam a destruir sua tribo.

outros. Visto isso, podemos afirmar que tais obras tenham sido o ponto mais alto da poesia indianista gonçalvina.

Por suas obras lírica e indianista, Gonçalves Dias é considerado um dos mais típicos representantes do Romantismo brasileiro na poesia, que junto com José de Alencar, na prosa, formaram a dupla que contribuiu de forma essencial na “criação” da literatura brasileira. E para relacionar esta fase com o autor será destacado a obra *I-Juca Pirama*, a qual será analisada do decorrer deste trabalho. Logo, Santos (2009) ao tratar deste poema afirma que a:

[...] referência da poesia indianista gonçalvina, estampa uma visão mais alargada do indígena, prestes a sucumbir enquanto formação tribal, uma vez que fora contaminado pelos males do invasor. Aqui o autor figurativiza o nativo por uma lente panorâmica, que não o particulariza como personagem, mas dá-lhe uma identidade padrão, uniforme. É colorido com as cores de seus costumes e ligado à tradição de sua cultura, nem rebelde nem preso ao colonizador, antes, resultado da ação desse (SANTOS, 2009, p. 157 e 158).

Na obra em destaque o romancista ressalta a bravura do índio guerreiro e resistente da época, pois ao contrário de Alencar, ele enxergava o colonizador como símbolo do pavor e da exploração do índio. Deste modo, criou o herói nacional ligado aos seus costumes, ligado ao seu ambiente natural e, principalmente adequado a um sentimento de honra. Logo, tal poema nos mostra os hábitos indígenas e seus ritos antropofágicos vividos pelo índio tupi.

2. ANÁLISE DAS OBRAS “O GUARANI” DE JOSÉ DE ALENCAR E “I-JUCA PIRAMA DE GONÇALVES DIAS

Neste segundo capítulo, fora realizado a análise das obras levando em conta a construção do índio tanto de José de Alencar, o qual se destaca na prosa, quanto Gonçalves Dias, cujo se destaca na poesia. Logo no decorrer das análises é possível perceber que Alencar aproxima o nativo ao colonizador sendo observado um contato diário entre ambos, enquanto Gonçalves Dias destaca mais precisamente o contato do índio com seus semelhantes sendo valorizado a conduta de honra e seus costumes, tendo assim uma aproximação mais real do índio da época.

2.1. Construção do índio por José de Alencar: o caso de *O Guarani*

O Guarani é um romance de José de Alencar publicado primeiramente em formato de folhetim em 1857 e em seguida como livro. Este livro se enquadra na corrente Romântica, dentro primeira fase a qual é conhecida como “fase Indianista”, caracterizada também como nacionalista em que se procurava valorizar a imagem do índio a ponto de transformá-lo no herói nacional. A intenção de Alencar ao criar tais obras era de mostrar a realidade do país naquela época, expondo as belezas do Brasil e a figura do índio.

Na obra *O Guarani* de Alencar, foi observado uma dedicação de Peri a sua amada Cecília que ultrapassa os limites da vida, em que ele era capaz de matar ou morrer pela amada. É possível notar a serventia e idolatria do índio na passagem seguinte:

Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade (ALENCAR, 2005, p. 47).

Em algumas leituras, fontes destacavam que Alencar dera oportunidade dos leitores entrarem na história com suas opiniões, fazendo com que o autor muitas vezes mudasse o destino de alguns personagens. Ressalva Barbosa (1999, p.19):

Alencar ia colhendo opiniões entre seu público para dar continuidade ao romance. Mais de uma vez chegou a mudar o destino das personagens de acordo com os palpites e as reclamações de suas primas e irmãs. Escrevia ouvindo seus leitores. Sabia, portanto muito bem o que o público queria: aventura e amor, ação e emoção.

A história de Peri compara-se com o romance de *Iracema*⁷, referente ao mesmo autor, pois a entrega do nativo ao homem branco é feita de forma incondicional, entregando-se de corpo e alma, levando-o a sacrificar-se e abandonar sua tribo de origem para se dedicar inteiramente a servir o europeu, ou seja, uma ida sem volta:

Na obra *Iracema* (1865), José de Alencar traz a história da índia tabajara homônima que se apaixona por Martim Soares Moreno, português aliado aos pitiguaras, povo inimigo dos tabajaras, levando-a a trair o segredo da jurema e lutar contra o seu próprio povo para viver ao lado do amado (SILVA, 2012, p. 4).

Assim como em *Iracema*, em *O Guarani* Peri é um índio que se apaixonou por Ceci, uma mulher branca. Peri, para ficar mais próximo de sua amada foi imerso em outra cultura, passando a ter qualidades do mundo civilizado, na qual teve que aprender o português e tornou-se cristão para ficar perto de sua amada.

Notamos na obra que Peri se dedica tanto a Cecília que chega a ser capaz de matar ou morrer por sua amada. O amor de Peri era uma verdadeira idolatria em que não tinha sequer um pensamento egoísta, apenas dedicava-se inteiramente a ela para satisfazer os menores de seus caprichos.

Neste romance há também uma caracterização do país neste período, sendo este um espelho da Europa medieval e para exemplificar tal comparação temos o índio como exemplo de bravura e pureza, comparado ao cavaleiro medieval. D. Antônio de

⁷ Iracema faz parte de uma das obras indianista de José de Alencar publicada em 1865. De acordo com Santos (2009, p. 151) “Iracema acentua-se como a figura matriz no que lhe diz respeito aos traços pertinentes ao projeto romântico, como também, pelo perfil de mulher guerreira na defesa de sua etnia e como mulher geradora de vida, tanto no sentido da gestação de Moacir, seu filho, como na gestação simbólica do homem autenticamente brasileiro”.

Mariz, sendo ele o senhor feudal pela forma como tratava seus empregados, sendo igual aos vassallos.

Há também, a imagem de sua casa que parecia uma fortaleza, também sendo comparada a um castelo medieval, conforme se pode perceber na seguinte passagem da obra:

Estes, apesar das precauções que tomavam contra os ataques dos índios, fazendo paliçadas e reunindo-se uns aos outros para defesa comum, em ocasião de perigo vinham sempre abrigar-se na casa de D. Antônio de Mariz, a qual fazia às vezes de um castelo feudal na idade Média. O fidalgo os recebia como um rico-homem que devia proteção e asilo aos seus vassallos; socorria-os em todas as suas necessidades, e era estimado e respeitado por todos que vinham, confiados na sua vizinhança, estabelecer-se por esses lugares (ALENCAR, 2005, p. 14 e 15).

Além disso, podemos afirmar que a obra de José de Alencar os fatos que ocorrem na narrativa seguem uma sequência contínua levando uma história de amor e aventura aos leitores. Visto isso, Alencar encontra os elementos perfeitos para fazer de seu romance uma verdadeira epopeia⁸.

Logo, com o processo de Independência que se iniciava em 1822, gerou-se certa tensão entre a Colônia, a qual ansiava se emancipar na época, e a Metrópole, que se enrijecia na defesa de seu Império. De acordo com Bosi, naquele período estava havendo certa ruptura em toda América Latina no século XIX em que:

O corte *nação/colônia, novo/antigo* exigia, na moldagem das identidades, a articulação de um eixo: de um lado, o polo brasileiro, que enfim levantava a cabeça e dizia o seu nome; de outro, o polo português, que resistia a perda do seu melhor quinhão (BOSI, 1992, p. 177, grifo do autor).

Assim, com base nesse embate, o índio alencariano ocupou seu lugar no imaginário pós-colonial, o qual lhe incumbia o papel de rebelde, pois enfim era “o nativo por excelência em face do invasor; o *americano*, como se chamava, metonimicamente, *versus* o europeu”⁹.

Mas podemos dizer, que não foi justamente o que se passou na narrativa em destaque. Para construir o herói da nação, Alencar fez uso da fantasia apresentando o índio não com suas características nativas, mas com qualidades idealizadas, enquadrando-o no padrão europeu. De acordo com Alencar (2005) Peri, era um guerreiro goitacá, que deixa sua tribo para servir voluntariamente Cecília, sua amada, filha de D. Antônio Mariz. O guerreiro luta contra os aimorés, cujo povo se volta contra

⁸ Caracteriza-se por ser um poema extenso cujo narra ações e feitos memoráveis de um herói histórico.

⁹ BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. 3ª ed 1 – reimpressão, 1992, p. 177.

D. Antônio por conta da morte de uma índia. Desta forma, como afirma Bosi (1992), o índio alencariano entra em “intima comunhão com o colonizador”¹⁰.

Assim, fica evidente que o índio alencariano não condiz com a figura do índio daquela época, ou seja, um nativo aculturado e fragilizado diante da civilização não poderia se tornar um modelo histórico. Logo, Alencar buscou na fantasia imaginar um índio que pudesse representar a exótica natureza e o homem brasileiro. Assim, a construção do romance *O Guarani* se baseia mais em fantasia do que na realidade.

Peri é exposto como um personagem em fusão com a natureza exuberante, mas em algumas citações, o índio mistura-se plenamente com a flora brasileira. Contudo, na narrativa, Peri é considerado feroz e ainda luta contra seus semelhantes. Pode-se perceber isso no capítulo IV, *A caçada*, em que há uma luta entre ele e um tigre:

[...] Segurava o arco e as flechas com a mão direita calda, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo.

Perto dele estava atirada ao chão uma clavina tauxiada, uma pequena bolsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uso foi depois proibido em Portugal e no Brasil.

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distancia, e se agitava imperceptivelmente [...]

[...] Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco. (ALENCAR, 2005, p. 22 - 23).

Apesar de Alencar tentar valorizar o índio e suas características, o índio alencariano apresenta o etnocentrismo¹¹ europeu em que podemos perceber no nativo o caráter ideal posto pela Europa, idealizado como o “bom selvagem” tendo características de um amigo, generoso, fiel, que servia ao seu senhor se dedicando inteiramente para salvar o português, servindo-o irresistivelmente e sem indagar. Enquanto os nativos aimorés eram tidos como ferozes, por se voltarem contra a família de D. Antônio Mariz.

Pode-se observar neste romance que o herói nacional autentica-se a partir da dominação cultural, ou seja, a partir do momento que Peri se submete à cultura do colonizador, a qual se representa pela imagem de Ceci e sua família, sendo a sua amada o motivo de se converter ao cristianismo. Peri tinha uma verdadeira devoção por Ceci, a

¹⁰ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3ª ed 1 – reimpressão, 1992, p. 177.

¹¹ Está pautado ao juízo de valor de algo que se considere diferente.

qual é comparada a Virgem Maria, devoção esta que seria capaz de se sacrificar só pra vê-la bem. No seguinte trecho é possível perceber tamanha serventia:

Se Cecília julgasse que isto devia ser assim, pouco lhe importava o mais; porém, se o que tinha visto lhe causasse uma sombra de tristeza, e empanasse um momento o brilho de seus olhos azuis, então era diferente. O índio sacrificaria tudo, antes do que consentir que um pesar anuviasse o rostinho faceiro de sua bela senhora. Assim, tranquilizado por esta ideia, ganhou a cabana, e dormiu sonhando que a lua lhe mandava um raio de sua luz branca e acetinada para dizer-lhe que protegesse sua filha na terra (ALENCAR, 2005, p. 48).

Visto isso, notamos que o índio brasileiro não representaria ameaça ao colonizador, tornando-se assim um herói. Logo se vê, que Peri é destacado pela representação de seu corpo físico e não por sua cultura, destaca-se o seu sacrifício como forma de amor por sua amada. Podemos perceber que há uma espécie de espírito colonialista, tendo tais qualidades, que chegam a ser elogiadas por seu senhor, D. Antônio de Mariz:

—Não há dúvida, disse D. Antônio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecília quis fazer-lhe a vontade com risco de vida. É para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem! (ALENCAR, 2005, p. 40).

A imaginação de Alencar levou-o a criar o índio revelando-o não apenas como um guerreiro, mas o moldando a uma espécie de mito, criando assim um índio sobre a visão da metáfora a qual foge da realidade expressando verdades que escapam a razão. Segundo Bosi (1992, p. 180, grifo do autor) “o mito alencariano reúne, sob a imagem comum do herói, o *colonizador*, tido como generoso feudatário, e o *colonizado*, visto, ao mesmo tempo, como súdito fiel e bom selvagem”.

Tais idealizações poéticas de José de Alencar modificam os costumes de Peri além de mostrá-lo a partir de fatos heroicos que não eram verossímeis. É possível notar essa falta de verossimilhança na luta dos Aimorés contra a família de D. Antônio de Mariz, em que Alencar abusa da ficção ao destacar que Peri sozinho conseguiria vencer a batalha:

— Eles são tantos!...
O índio sorriu com orgulho.
— Sejam mil; Peri vencerá a todos, aos índios e aos brancos.

Ele pronunciou estas palavras com a expressão de naturalidade e ao mesmo tempo de firmeza que dá a consciência da força e do poder. Contudo Cecília não podia acreditar o que ouvia; parecia-lhe inconcebível que um homem só, embora tivesse a dedicação e o heroísmo do índio, pudesse vencer não só os aventureiros revoltados, como os duzentos guerreiros Aimorés que assaltavam a casa (ALENCAR, 2005, p. 206 - 207).

Alencar, ao criar Peri, mesmo sendo um selvagem, o qual conhece a natureza, é valente e ágil, não deixa que sua audácia o submeta a afrontar a família de Cecília. O autor expõe uma relação harmônica representado na figura de Peri, em que voluntariamente se dedica total obediência a Ceci, controlando sua braveza e acaba se domesticando, tendo um convívio pacífico entre o colonizador e o colonizado.

Logo, os que se tornam os maus índios são os Aimorés por atacarem a família de D. Antônio, não se tornando submissos a esta família. Desta forma, José de Alencar cria um personagem que vai além do real, expondo um herói subordinado ao conquistador, mas ao revelá-lo como herói explora suas jornadas que tivera ao enfrentar tigres e os Aimorés, mostrando seu verdadeiro eu, instituído pelo autor.

Este herói é caracterizado no decorrer da narrativa pela sua coragem, honra e inteligência, sendo tais qualidades evidenciadas na expressão de consciência e de valores coletivos do herói nacional. Sendo tais atributos percebidos durante toda a narrativa, como quando Peri dominou o animal selvagem ao salvar Cecília várias vezes, na batalha contra os inimigos de D. Antônio de Mariz.

2.2. Construção do índio por Gonçalves Dias: o caso de *I-Juca Pirama*

I-Juca Pirama destaca-se como marco da poesia indianista no período do Romantismo, pois se afirma nesta fase a nacionalidade brasileira além de colocar o índio como herói nacional. Tal poema fora publicado em 1851 no livro **Últimos Cantos**, possuindo neste poema 484 versos que estão divididos em 10 cantos. O título deste poema afirma-se que fora tirado da língua tupi, que significa “aquele que vai ser morto”.

Gonçalves Dias destaca em sua narrativa a bravura do índio guerreiro ligado a seus costumes e a seu ambiente natural, além de preservar um sentimento de honra. Como ressalta Antonio Candido (1999, p. 41):

[...] “I-Juca Pirama”, obra de grande qualidade, narra a história de um prisioneiro que vai ser sacrificado ritualmente por uma tribo inimiga. O relato se desdobra como demonstração de virtuosismo, usando os mais variados metros e sugerindo com rara maestria tanto os movimentos quanto as emoções (1999, p. 41).

Em seu poema, o autor procura revelar uma visão do índio de modo geral, apresentando cenas e feitos que estejam ligados a um índio qualquer, isto é, que funciona como uma espécie de índio padrão. Neste poema deparamo-nos com uma visão do nativo inteiramente integrado a sua tribo, em que se é caracterizado pelo sentimento de honra como retrata Santos (2009), Dias:

[...] figurativiza o nativo por uma lente panorâmica, que não o particulariza como personagem, mas dá-lhe uma identidade padrão, uniforme. É colorido com as cores de seus costumes e ligado à tradição de sua cultura, nem rebelde nem preso ao colonizador, antes, resultado da ação desse (p. 158 -159).

A narrativa discorre a história de um índio tupi que é capturado pelos timbiras e por amor ao seu pai, inválido, suplica a seus inimigos que lhes poupem a vida levando assim os inimigos a ver tal atitude como covarde. É importante destacar que não era comum entre o índio, sendo ele um guerreiro, temer a morte, pois tal atitude era julgada como um ato de covardia. Assim, o índio é liberto e volta para casa, que conta a história levando assim seu pai a condenar tal atitude. Podemos observar a maldição lançada pelo pai no Canto VIII, no seguinte trecho:

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o covarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés (DIAS, 1969, p. 12).

Deste modo, o poema épico de Gonçalves Dias *I-Juca Pirama* apresenta uma temática como código de honra da nação indígena. Assim, Gonçalves Dias ao criar o

índio buscou dar ao mesmo características baseadas no contato que tivera com os índios em sua infância. Desta forma, o autor destacou no nativo seus costumes além dos ritos antropofágicos. Já no início do poema, no I Canto, o autor destaca na narrativa a tribo dos Timbiras, o cenário no qual ocorrerá toda a história e já de início percebe-se a captura do índio tupi:

No meio das tabas de amenos verdores,
 Cercadas de troncos — cobertos de flores,
 Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
 São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
 Temíveis na guerra, que em densas coortes
 Assombram das matas a imensa extensão.
 [...]
 No centro da taba se estende um terreiro,
 Onde ora se aduna o concílio guerreiro
 Da tribo senhora, das tribos servis:
 Os velhos sentados praticam d'outrora,
 E os moços inquietos, que a festa enamora,
 Derramam-se em torno dum índio infeliz (DIAS,1969 , p. 1).

Cabe ressaltar, que as ocorrências relatadas na narrativa como os gestos heroicos e trágicos possuem em sua forma reflexos de uma epopeia, isto é, as ações que aconteceram durante a narrativa que revelará um índio tupi como um herói. Na obra de Gonçalves Dias, ele preza em mostrar sempre o índio relacionando-o às suas origens, destacando sempre os costumes dos nativos, como no poema em destaque que mostra o rito antropofágico.

No caso do poema analisado percebemos que o índio não morre pelas mãos do colonizador e sim pelas mãos dos próprios índios, característica bem destacada pelo autor. Em observação ao Canto IV já encontramos o índio fazendo seu canto de morte e sendo possível notar no seguinte trecho:

Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi:
 Sou filho das selvas,
 Nas selvas cresci;
 Guerreiros, descendo
 Da tribo tupi.
 [...]
 Já vi cruas brigas,
 De tribos inimigas¹²,
 E as duras fadigas
 Da guerra provei;
 Nas ondas mendaces¹³

¹² Inimigo.

Senti pelas faces
Os silvos fugaces¹⁴
Dos ventos que amei (DIAS, 1969, p. 4).

Nestes versos percebemos a entrega do índio guerreiro ao fazer seu canto de morte, em que o mesmo relata de onde veio e suas lutas, e no decorrer dos últimos versos do Canto IV percebemos o lamento do tupi ao lembrar-se das lutas que passou ao lado de seu pai. Além disso, podemos notar que o nativo tupi relata o quanto seu pai depende de você como mostra o seguinte trecho do poema:

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contendo,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer (DIAS, 1969, p.5).

O autor desde o início expõe o seguimento dos ritos antropofágicos seguidos pelos nativos, ou seja, os costumes que o índio ao ser capturado por outra tribo viria a ser morto. Entretanto, o índio de Gonçalves Dias reconhece isso ao dizer “*Das frechas Que tenho me quero valer*”, mas ele reconhece também o quão seu pai precisa dele ainda ao dizer “*Em mim se apoiava, Em mim se firmava, Em mim descansava, Que filho lhe sou*”. Desta forma, já ao final do Canto IV o índio clama sua vida para cuidar de seu, mas será seu escravo:

De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? – Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo¹⁵,

¹³ Advém de mendaz que significa mentiroso.

¹⁴ Fugaz.

Mas forte, mas bravo,
 Serei vosso escravo:
 Aqui virei ter.
 Guerreiros, não coro
 Do pranto que choro:
 Se a vida deploro,
 Também sei morrer (DIAS, 1969, p. 6).

Como resalta Santos (2009) na condição de herói épico, os feitos são valorizados, pois se torna humano aceitar tamanha humilhação a qual lhe será imposta, perante a fraqueza revelada em seu choro, ao renunciar “a morte digna” em amor a seu pai.

Visto isso, percebemos o centro da poesia indianista do autor em que torna evidente a justificativa da humanidade indígena na voz do índio ao aceitar a humilhação sofrida ao renunciar sua morte, tendo isto como uma quebra dos ritos, mas que mais a frente na narrativa se tornará motivo de honra:

Assim, eximir-se do canto de bravura, para chorar e implorar pela vida do pai, não se torna um ato desprovido de sentido. Constitui-se, antes de tudo, um sinal de que o aparente fracasso tornar-se-ia motivo de uma experiência posterior (SANTOS, 2009, p. 163).

No início do Canto V podemos ouvir a ordem do cacique para soltar o índio após seu apelo, que pede por sua vida por conta do seu pai que precisa do mesmo por já está velho demais:

Soltai-o! – diz o chefe. Pasma a turba;
 Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
 Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!
 Brada segunda vez com voz mais alta,
 Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
 A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo (DIAS, 1969, p. 6).

Ainda no Canto, V observamos a atitude do nativo tupi em querer honrar sua linhagem Tupi, em que o motivo de pedir por sua vida é apenas por se preocupar com seu pai e não porque não quer morrer, e Gonçalves Dias destaca isso no trecho abaixo:

– Acaso tu supões que me acobardo,
 Que receio morrer!
 – És livre; parte!
 – Ora não partirei; quero provar-te

¹⁵ Preguiçoso, indolente, covarde.

Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta (DIAS, 1969, p. 7).

Mas o índio vai embora, pois o cacique ordena que partisse, pois não quereis que a “carne vil enfraquecer os fortes” (DIAS, 1969, p. 7). Em seguida, no Canto VI o tupi chega a sua casa e logo o pai ao tocar o filho sente o cheiro de tinta, cujo ritual é feito quando se é prisioneiro, os dois retornam a tribo dos timbiras para que se cumpra o ritual.

Gonçalves Dias destaca neste Canto a particularidade do sistema da ancestralidade do índio, pois o pai não exige em devolver o filho, que foi pego como prisioneiro, para sacrifício. Observamos o valor da honra: por mais difícil que seja entregar seu filho, deve-se honrar sua raça tupi por meio do ritual.

No Canto VIII notamos a importância que significa o ritual, pois podemos observar que o pai, ao saber tamanho ato de covardia do filho ao chorar diante dos inimigos, chega a amaldiçoar o filho:

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de via Aimorés (DIAS, 1969, p. 11 e 12).

Já no Canto IX, Gonçalves Dias destaca a honra do Tupi que após ser amaldiçoado pelo pai redime seu povo do fracasso e da vergonha, que sofrera ao se acovardar diante dos inimigos, ao lutar contra os timbiras para recuperar a dignidade de seu povo. Assim como, o índio que chorara por seu pai no Canto IV, podemos notar o choro do pai pelo filho no Canto IX:

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
"Este, sim, que é meu filho muito amado!
"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
"Corram livres as lágrimas que choro,
"Estas lágrimas, sim, que não desonram" (DIAS, 1969, p.13).

Desta forma, ao revelar a bravura do índio nesse canto, seguiu-se o ritual de costume, em que o tupi fez valer sua honra reconstituindo assim seus valores para que se pudesse fazer o sacrifício. E como afirma Santos (2009, p.169):

[...] As imagens apocalípticas fazem jus à criação poética que legitima a eficácia do rito e da cerimônia, pois num grupo quase extinto como o tupi, o tema já não corresponderia à sua vida social como exemplo. O que está em relevo, antes de tudo, não é a explicação racional do mundo indígena em decadência, mas a coerência do ritual com a vida social do grupo que se mantém no relato atualizado (2009, p. 169).

Deste modo, percebe-se que o autor destaca em sua narrativa o nacionalismo ao valorizar as belezas locais, além disso, ainda destaca a importância dos costumes, rituais e religião do índio guerreiro.

Portanto, podemos afirmar que em *I-Juca Pirama*, Gonçalves Dias apresentou o índio, que veio a ser o herói da nação, mostrando o que mais se presa em uma tribo que seria sua honra. E o índio de deste autor mostrou-se um verdadeiro guerreiro que apesar de ter se acovardado perante o inimigo, cujo motivo era por se preocupar com seu pai, mostrou valentia ao lutar sozinho contra os inimigos, honrando assim sua tribo e se tornando uma lenda para o povo timbira.

3. INDIANISMO: FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Para falar sobre a formação do povo brasileiro é preciso destacar a primeira geração do romantismo, pois com a Independência alcançada em 1822 nasceu uma necessidade de se criar uma cultura local, e conseqüentemente, nasceu no povo brasileiro um desejo patriarcal. Deste modo, criou-se um espírito nacionalista neste período e por meio disso encontrou-se na fase indianista a figura do índio, o qual era habitante do país naquele período, para se buscar uma identidade nacional.

Os percussores desta temática foram José de Alencar, na prosa, e Gonçalves Dias, na poesia, cujo adotaram o nativo como herói da nação. É necessário ressaltar que a figura do nativo está presente na literatura muito antes do Romantismo, como afirma Grassi (2013, p. 12-13):

A figura do indígena brasileiro aparece na literatura desde o Quinhentismo, com as cartas escritas para a metrópole portuguesa pelos cronistas, que narravam a terra recém-descoberta e seus habitantes, passando pelo Barroco e pelo Arcadismo, como tema de escritos diversos com forte dado informacional e catequizante, que se sobrepõem ao dado estético, caracterizador da obra literária. O índio retratado nestes textos ainda não é aquele típico representante da literatura nacional que visamos destacar, mas sim o índio da realidade pragmática, que precisava ter boa aparência e bons ânimos, para servir aos portugueses para aquilo que mais lhes aprouvesse dentro da ideologia de colonização.

Desta forma, será destacado a figura do índio que representa a “criação” da nação brasileira, cujo país acabara de passar pelo processo de independência política. Será apresentado pelos autores um índio com características heroica, em que Alencar destacou no nativo qualidades inspiradas nas novelas de cavalaria enquanto Gonçalves Dias apresentou “o índio tal qual o poeta idealizou, junto à tribo, próximo ao ideal de unir natureza e honra, valentia e tradição” (SANTOS, 2009, p. 22). Como afirma Bosi (1977, p. 110) em seu livro **História Concisa da Literatura Brasileira**:

O índio, fonte da nobreza nacional, seria, em princípio, o análogo do "bárbaro", que se impusera no Medievo e construíra o mundo feudal: eis a tese que vincula o passadista da América ao da Europa. O Romantismo refez à sua semelhança a imagem da Idade Média, conferindo-lhe caracteres "romanesco" de que se nutriu largamente a fantasia de poetas, narradores e eruditos durante quase meio século.

Assim, convém ressaltar que a ideia de conceber o nativo como precursor da identidade brasileira estava alicerçada no elemento base da nossa história, que seria no pré-descobrimento do país cujos primeiros habitantes a residir o local foram os indígenas. Pois como ressalva Oliveira (2011, p. 19):

[...] resgatar o indígena americano significa mudar os rumos do futuro da nacionalidade. Esse sem dúvida foi o ponto de partida para que em torno do indígena se construísse uma perspectiva historiográfica, cultural, artística e filosófica de ver a nacionalidade.

Visando obter uma literatura propriamente brasileira assim como uma identidade, por meio do desejo nacionalista, foi idealizado na beleza típica que o país tinha na época, que logo se encontrou nos habitantes e na natureza. Deste modo, Grassi (2013, p.14) ressalta que:

Fica evidente, portanto, que o eixo condutor do movimento literário romântico brasileiro foi o nacionalismo. Buscava-se a criação de uma literatura independente não apenas de Portugal, mas de qualquer outro país, almejava-se uma literatura autenticamente nacional e, por isso, a valorização de nossa terra e de nossa gente começa a aparecer nos romances (p. 14).

Desta forma, foi nessa busca por uma literatura que tivesse características nacionais que os autores deste período reavaliaram a história e a literatura, os quais se inspirando nos europeus, tais autores românticos, buscaram exaltar as riquezas e as belezas que havia no país que deram origem a formação do povo brasileiro. Como justifica Thayene Resende (2006, p. 5):

Percebendo o ambiente natural como fator de diferenciação de uma sociedade e de suas manifestações culturais, poetas e romancistas passaram a encarar a nacionalização dos temas e da linguagem como via preferencial para assegurar a nossa independência literária, entregando-se então, à pesquisa dos elementos reputados como genuinamente nacionais: a natureza e o índio.

Como fora destacado anteriormente, os dois principais autores do Indianismo, cabe ressaltar que ambos tem visões diversas entre o contato do branco com o índio. De um lado, temos Alencar que aproxima o colonizador do nativo, sendo possível ser observado na trilogia do autor que dá início pela obra *Ubirajara*, em que mostra o índio

antes de haver o contato com o europeu, ou seja, “uma figura voltada ao mito de origem, no seu mais próximo frescor de configuração”¹⁶.

Já em *Iracema* temos o convívio entre o homem branco e os índios, que se dá pelo romance da índia com o português Martim. E por fim, *O Guarani*, em que percebe-se o índio no cotidiano do europeu, o qual deixa sua tribo para viver servindo inteiramente a Cecília, sua amada. Logo, o nativo de Alencar torna-se um índio “civilizado”, consistindo ser submisso ao colonizador.

De outro lado temos Gonçalves Dias, cujas características colocadas em seu índio são controversas a de Alencar, pois o autor destaca em suas obras indianistas uma concepção mais real do índio, por conta do seu contato que tivera na infância com os nativos, valorizando no nativo sua conduta de honra e seus costumes. Deste modo, como afirma Grassi (2013, p. 13) “enquanto o primeiro tece, em sua literatura, um ideal de integração pacífica, o segundo coloca sempre o colonizador na posição de algoz”.

Na obra de Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*, que foi analisada nesta pesquisa como exemplo da construção do índio como herói da nação, encontra-se a valorização de sua honra, como já fora bem destacado, e o rito antropofágico, cujo ritual não se encontra na obra de José de Alencar por conta da aproximação do indígena com o europeu.

Assim, “o índio gonçalvino ganha perfil de herói humano, ao revelar, por meio da fraqueza e do choro, um lado antagônico do clássico herói oriundo das epopeias” (SANTOS, 2009, p. 150). Já o de Alencar, seguindo ainda a visão de Santos (2009, p.21):

[...] o índio deixaria a condição de antropófago e bárbaro para se constituir como fundador da nação brasileira a partir da confraternização com o não índio. Mesmo heroicizado romanticamente, com a marca impressa da valentia, estava sempre sob a mira do olhar determinante do colonizador. Não possuía a validade da natureza pura, pois sua valentia fora herdada da influência medieval, que o colonizador inseriu no contexto e o escritor tomou para si como baliza (p. 21).

Nas obras alencarianas conseguimos perceber melhor como se deu a origem da nação brasileira, podendo ser observado a mestiçagem entre o branco e o índio. Na obra

¹⁶ SANTOS, LAO. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 177.

Iracema consegue-se notar essa mistura de raça, como ressalva Grassi (2016, p. 20) “nessa obra vemos a narração do mítico nascimento do primeiro brasileiro, Moacir, fruto da união da índia Iracema com o português Martin”.

Na obra em análise desta pesquisa de Alencar, *O Guarani*, encontramos também esse desfecho da mestiçagem sendo ela notada no contato entre Peri e sua amada Cecília, em que a cena final do romance relata o sumiço dos dois no horizonte. Desta forma, ao final da narrativa, dar-se a entender que eles foram deram origem a mestiçagem, como no romance de Iracema. Assim, como Peri relatava a história dos Tamandaré, cujo casal sobrevivente do dilúvio “povoou a terra”¹⁷.

3.1. Relações entre o Indianismo de José de Alencar e Gonçalves Dias

Na busca de uma identidade nacional nasceu o Indianismo como um estilo literário, que buscou na figura do índio idealizá-lo e dotá-lo de qualidades como coragem, honra, bravura, etc. Tal estilo adequou-se a chamar-se de poesia romântica, cuja se utilizava da natureza, da história, de cenas e costumes nacionais.

Partindo das relações entre o indianismo de José de Alencar e Gonçalves Dias será possível entender melhor o posicionamento de cada um a respeito da temática. Logo, os conceitos de nação destes autores fazem parte do processo de engajamento da criação de uma literatura propriamente brasileira em que o índio adota o papel de um herói mitológico na formação de uma literatura totalmente liberta da influência europeia.

Mas vale ressaltar que o Romantismo brasileiro tem certa ligação com a expressão literária da Idade Medieval, em que fez com que alguns autores brasileiros procurassem na expressão literária de autores medievais inspiração para escrever, deixando assim seus textos meras expressões e marcas que visualizassem outros povos. Assim, percebemos nesta primeira fase do Romantismo que alguns escritores, como José de Alencar, optaram por uma estética revestida dos moldes da Idade Média, como as novelas de cavalaria.

¹⁷ ALENCAR, José. *O Guarani*. Positivo, 2005.

Como já fora bem ressaltado durante toda a pesquisa, os pontos de vista de cada autor, de acordo com o tópico, veremos como essas relações entre os dois autores são um tanto diversas. Apesar de já ter explanado sobre o índio de Alencar e Gonçalves Dias, veremos aqui novamente um pouco, para entendermos as ideias, de cada um. Podemos dizer que um dos motivos de se escolher o índio para se tornar o herói da nação, está em sua resistência imposta diante dos portugueses tornando-se assim acima do europeu, mas tal resistência é desfeita por José de Alencar, pois o mesmo em suas obras indianistas coloca o índio em “comunhão com o colonizador”¹⁸.

José de Alencar idealizou o índio com caracteres heroicos, redimensionando-o a Idade Média dando-lhes características de um cavaleiro medieval, cuja representação refletia a cultura europeia vinda da colonização portuguesa dando assim ao índio brasileiro adjetivos inspirados nas novelas de cavalaria.

Gonçalves Dias preservou em manter uma imagem do nativo mais próximo da realidade da época, visando um índio com seus costumes indígenas e seus rituais. Levando-o, assim como os cavaleiros medievais, os nativos são vistos como guerreiros tendo eles uma conduta de honra a qual não devia ser desfeita.

No poema de Gonçalves Dias “*I-Juca Pirama*, tido como ápice da sua inspiração indianista, de estilo dramático”¹⁹, o qual fora trabalhado nesta pesquisa pode se perceber todas as características deste “estilo literário”²⁰, cujas se baseiam nas lutas, a coragem, a honra, o heroísmo cavalheiresco destacado no selvagem idealizado.

Visto isso, observamos que os índios destes autores bebem na teoria do mito do bom selvagem de Rousseau, teoria esta que de acordo com Grassi (2013, p. 16), “afirma que o homem, em estado de natureza, não é bom nem mau, sendo a sociedade seu elemento corruptor”.

Desta forma, o índio de Alencar é submisso ao colonizador em que deixa sua tribo, seus costumes para viver com o europeu tornando-se um servente fiel. Como afirma Moscato (2006, p. 70) “o índio, em Alencar, é uma fusão do exótico com o herói polido e nunca aparece só, mas participante de uma história marcada pela colonização

¹⁸ BOSI, Alfredo. DIALETICA DA COLONIZACAO. 3ª ed 1 – reimpressão, 1992, p. 177.

¹⁹ SANTOS, LAO. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 156.

²⁰ Termo usado para referir-se ao Indianismo.

branca e civilizatória” sendo possível perceber tais traços no início da narrativa de “O Guarani”.

Além disso, o “bom selvagem” do autor apresenta recursos civilizatórios, sendo possível ser observado na seguinte passagem do texto:

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direito calda, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo.

Perto dele estava atirada ao chão uma clavina tauxiada, uma pequena bolsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uso foi depois proibido em Portugal e no Brasil (ALENCAR, 2005, p. 22, grifo nosso).

Já Gonçalves Dias narra em sua poesia um herói mítico que luta por sua tribo deixando evidente a falta de concentração política. Seu índio guerreiro é revestido por uma conduta de honra, além de seguir sempre seus costumes.

E que “embora a figura do índio em Gonçalves Dias aponte para uma descaracterização de sua cultura, é necessário observar que sua construção percorre os ditames do romantismo, ao elegê-lo emblema da nacionalidade, sobre o qual repousa o arquétipo de herói” (SANTOS, 2009, p. 150).

Em suas obras, José de Alencar, procura expressar uma realidade totalmente brasileira. Podendo ser observado em “O Guarani” a valorização do vocabulário do indígena como exemplo quando Peri exclama “Iara” cujo “vocábulo guarani: significa a *senhora*”²¹ e sua forma de falar:

— *Peri vai partir.*

— Ah! disse o fidalgo, voltas aos teus campos?

— *Sim: Peri volta à terra que cobre os ossos de Ararê.*

D. Antônio encheu o índio de presentes dados em seu nome e em nome de sua filha.

— Perguntai a ele por que razão parte e nos deixa, meu pai, disse Cecília.

O fidalgo traduziu a pergunta.

— *Porque a senhora não precisa de Peri; e Peri deve acompanhar sua mãe e seus irmãos (ALENCAR, 2005, p. 102, grifo nosso).*

Na poesia de Gonçalves Dias analisada nesta pesquisa, “I-Juca Pirama”, encontra-se uma conduta de honra cujo próprio nome do poema significa “aquele que é digno de ser morto”. Como explica Santos (2009, p. 160):

²¹ ALENCAR, José. O Guarani. Positivo, 2005, p. 91.

Dentro de seu significado inclui-se a questão da honra, pois morre em nome dos seus ancestrais, que também morreram para construir a corrente de bravura que perpassaria gerações e tribos, perpetuando o mito da antropofagia, tão mal interpretado pelos primeiros colonizadores, que não lhe atribuíram o verdadeiro sentido, acusando-os de canibalismo apenas, sem auscultar seu fundamento.

Em suas obras indianistas, Dias busca destacar a valorização do nativo e sua cultura, imputando ao índio valores como coragem e honradez, além de exaltar as belezas do país. Além disso, resgatou os valores medievais, como os cavaleiros da Idade Média, mas trazendo para um contexto brasileiro.

Observamos também em sua poesia a forma como marca a rima, a musicalidade e a métrica podendo tais características serem percebidas no trecho de “I-Juca Pirama” em seu canto de morte:

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.
Andei longes terras
Lidei cruas guerras,

Vaguei pelas serras
Dos vis Aimoréis;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes – escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés. (DIAS, 1969, p. 4)

Já em Alencar, podemos destacar elementos que compõe a obra “O Guarani” como o cristianismo, a civilização e a classificação entre bons e maus selvagens. Para dá exemplo de um desses elementos destaca-se o cristianismo em que é possível perceber quando o índio para salvar sua amada se converte ao cristianismo:

— Se tu fosses cristão, Peri!...
O índio voltou-se extremamente admirado daquelas palavras.
— Por quê?... perguntou ele.
— Por quê?... disse lentamente o fidalgo. Porque se tu fosses cristão, eu te confiaria a salvação de minha Cecília, e estou convencido de que a levarias ao Rio de Janeiro, à minha irmã.
O rosto do selvagem iluminou-se; seu peito arquejou de felicidade; seus lábios trêmulos mal podiam articular o turbilhão de palavras que lhe vinham do intimo da alma.

— Peri quer ser cristão! exclamou ele. D. Antônio lançou-lhe um olhar úmido de reconhecimento.

— A nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo o homem possa dar o batismo.

Nós estamos com o pé sobre o túmulo. Ajoelha, Peri!

O índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça.

— Sê cristão! Dou-te o meu nome (ALENCAR, 2005, p. 275).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fora bem destacado nesta pesquisa, o Romantismo no Brasil surgiu após a proclamação de independência do país, no qual logo nasceu uma necessidade de se criar uma cultura local. Visando isto, o Brasil passou a buscar uma identidade nacional para seu Estado. Convém ressaltar que esta tendência chegou para ressaltar os aspectos nacionais, que no caso seria o índio. Pois tal escolha se tornou fundamental para o processo na busca da identidade nacional.

Logo, o país procurou a imagem de um herói cujos autores como José de Alencar e Gonçalves Dias encontraram na figura do índio. Podendo se dizer a ideia de conceber o nativo como precursor da identidade brasileira estava alicerçada no elemento base da nossa história, que seria no pré-descobrimento do país cujos primeiros habitantes a residir o local foram os indígenas.

Assim, ao tratar do índio nas obras de José de Alencar no romance “O Guarani” e de Gonçalves Dias no poema “I-Juca Pirama”, foi possível analisar a figura do índio engendrada com características nacionais de cada autor, tentando observar como cada um “criou” o seu herói nacional. O índio de José de Alencar nesta obra possuiu um grande contato com o colonizador, pois essa aproximação se dá por conta de sua paixão pela personagem Ceci.

Desta forma, foi visando à figura do índio destes autores que este trabalho buscou analisar como cada autor, cada um com suas particularidades, construiu o herói da nação. Além de ser notado que cada um tivera visões convergentes sobre o nativo. Assim, foi possível perceber que Alencar fez usos de adjetivos inspirados nas novelas de cavalaria na criação do nativo, além de aproximá-lo do europeu tornando assim o índio um civilizado, sendo este submisso ao colonizador.

Visto isso, é importante notar que o herói nacional descrito por Alencar deriva de uma construção mais fantasiosa criada a partir do colonizador, ao contrário de Gonçalves Dias que retrata em sua obra, a ser analisada, a bravura do índio guerreiro e resistente da época. O índio de Alencar é morto pelas mãos do próprio índio, enquanto o de Gonçalves Dias pelas mãos do colonizador. Gonçalves Dias via o ocidental como símbolo do terror e da exploração do índio, assim, construiu o herói nacional ligado aos seus costumes, integrado no ambiente natural e, sobretudo adequado a um sentimento de honra.

Gonçalves Dias valoriza o índio e os povos originários desta nação, destacando no nativo seus valores como a conduta de honra que não podia ser quebrada. Além disso, cabe ressaltar que nas duas obras analisadas percebemos dos dois autores a exaltação da natureza, beleza esta que difere da europeia.

Portanto, tal pesquisa possibilitou ter uma visão mais geral do índio de cada um destes autores que contribuíram de forma bem significativa para a construção tanto de uma literatura totalmente brasileira quanto da identidade nacional.

REFERENCIAS

ALENCAR, José. **O Guarani**. Positivo, 2005.

BARBOSA, Frederico. **Literatura e Cultura Brasileira**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008, p. 97-106.

BARBOSA, Frederico. Uma estrela colorida brilhante. In: ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, p. 09–22, 1999.

BOSI, Alfredo. **Dialetica da colonizacao**. 3ª ed 1 – reimpressão, 1992.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3ª ed.– São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 1999.

DIAS, Gonçalves. **Antologia Poética**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

GRASSI, Bruna Stephani Sanches. **Os Aessos do País: Desconstrução dos Semióforos Nacionais em Antonio Callado**. 2013.

MAGALHÃES, Luana Santana. **A Figura do Índio na Literatura**. Fortaleza, 2006.

MARQUES, José Wilton. **Gonçalves Dias: o poeta na contramão (literatura e escravidão no romantismo brasileiro)**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2010.

MOSCATO, Daniela Casoni. **Traços de Peri: leituras do leitor José de Alencar para a composição do indígena em sua obra O guarani – 1857/ Assis**, 2006.

OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de. **Letras de Memórias: o indígena como cronótopo da narrativa do passado no período imperial, dos estudos históricos ao romance indianista de José de Alencar (1820-1870)**, 2011.

RESENDE, Thayene. **José de Alencar e a ideia de Brasil**. Brasília. 2006.

SANTOS, Lao. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, Darlene. **Jose de Alencar: (Des) Construção da Identidade Nacional**. 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1982.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. Erechim: Edelbra, 1996.